
Pesquisa narrativa, pesquisa ativista: relato de experiência entre o Protocolo de Schütze e três baianas de acarajé¹

Renata Dias Oliveira²
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

O presente artigo pretende evidenciar as hierarquias raciais estabelecidas na produção de dados na pesquisa científica em comunicação articulando uma perspectiva crítica ao Protocolo de Entrevista Narrativa (EN) idealizado por Fritz Schütze (2011). Articulada aos princípios da pesquisa ativista interpretados por Radha D'Souza (2020), a discussão baseia-se em uma investigação que teve como foco as vivências de três baianas de acarajé residentes em municípios situados em diferentes regiões do estado da Bahia. O texto apresenta, de forma analítica, uma abordagem decolonial ao Protocolo, de maneira que alcance a produção, a textualização e a análise das entrevistas, expondo a conciliação, no processo investigativo, da aplicação de um circuito existente à dimensão autoral da pesquisa. O artigo chama, seguidamente, a atenção para o salto qualitativo traduzido em ação que é necessário dar para que a pesquisa consiga transformar o mundo de uma maneira radical.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista Narrativa; Pesquisa Ativista; Metodologia de comunicação; Decolonialidade

INTRODUÇÃO

O enfrentamento ao epistemicídio perpassa por iluminar questões étnico-raciais atreladas aos aspectos metodológicos da pesquisa científica. George Dei e Gurpreet Johal (2008), ao analisarem as hierarquias raciais estabelecidas na produção de dados, nos convidam a observar a maneira como definimos e operacionalizamos o como da investigação antirracista. Okoliei (2018), por sua vez, ressalta que temos que considerar a questão da neutralidade de valores, e também a questão de para que serve (ou para o que pode ser usada) a investigação,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo - USP. E-mail: rdias.oliveira@usp.br.

sendo que esta última refere-se à possibilidade de a investigação poder existir por si mesma em prol da ação social. É a ideia de pesquisa articulada a ação social que evocamos Radha D'Souza (2010), para quem a qualidade do conhecimento produzido pela pesquisa deve ser avaliada em função do seu poder transformador — ou seja, da sua capacidade de transformar as relações injustas e desiguais existentes no mundo tal como ele é hoje, bem como de transformar radicalmente as estruturas geradoras da opressão, da desigualdade e da injustiça.

Para tanto, apresenta-se nestas linhas a experiência de aplicação de um dispositivo de produção e análise de dados de pesquisas em Comunicação: a Entrevista Narrativa (EN), idealizada por Fritz Schütze (2011). Orientada pelo que perceberam Jônata Moura e Adair Nacarato (2017), esta metodologia “busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e/ou semiestruturadas e permite identificar as estruturas sociais que moldam as experiências” (p. 16), propósitos valiosos para uma pesquisa que objetiva investigar como baianas de acarajé, ícones da cultura brasileira, formulam uma representação de si, tomando os textos narrativos decorrentes das suas vivências como foco de análise.

Utilizamos a EN para geração dos dados da pesquisa, visto que nelas o sujeito se expressa, trazendo em sua voz o tom de outras, pensando no contexto de suas identidades, classe social, momento histórico, social e cultural. Neste contexto, os estudos investigativos que envolvem raça e antirracismo apresentam desafios teóricos e epistemológicos fundamentais, por exemplo, os métodos de obtenção, classificação e análise de narrativas orais da pessoa negra, porque como sinaliza Barbosa (2016), a comunicação praticada pelos africanos em diáspora e seus descendentes foi forjada na memória e no ato narrativo, consideradas as condições extremamente violentas da escravização praticada no Brasil. Esta condição nos enseja a revisar, acessar, interrogar, validar, afirmar ou desafiar os procedimentos metodológicos aplicados de maneira a contribuir com o aprimoramento da prática investigativa na pesquisa científica, impulsionadas pelos princípios da pesquisa ativista.

O PROTOCOLO ENQUANTO PROCEDIMENTO INVESTIGATIVO

A meticulosidade com a qual engendra um procedimento investigativo baseado em narrativas orais é uma qualidade do pensamento de Schütze (2011) de grande valor para os estudos na Comunicação. Prova disso é que o autor nos apresenta um detalhado Protocolo referente às etapas posteriores à coleta dos dados empíricos: *identificação dos elementos indexados e não indexados; realização da análise formal do texto; descrição estrutural do*

conteúdo e a abstração analítica; realização da análise do conhecimento; e por último, realização da comparação contrastiva (comparação mínima e máxima) para, assim, construir os eixos de análise ou, “modelo” teórico.

A propriedade de Schütze de conferir materialidade às investigações científicas cujos objetos empíricos são narrativas orais também assume grande relevância quando considerados os desafios próprios do campo pós-estruturalista, no qual teóricos tem qualificado o debate sobre os limiares de objetividade e subjetividade na percepção e na tradução da experiência. Relevante também o é para os estudos antirracistas pois, como demonstra Dei e Johal (2008), se intensificaram ao longo dos anos com o reforço mútuo da indagação crítica e do trabalho político no sentido de cimentar a mudança antirracista. Para os autores, “a investigação antirracista requer a subversão de processos convencionais de obtenção, interrogação, validação, e disseminação do conhecimento” (p. 19). Este pensamento se associa a D’Souza (2010), para quem a pesquisa ativista tem sido capaz de constantemente reavaliar o efeito real que a pesquisa produzida tem sobre a sociedade em geral e sobre os oprimidos e os marginalizados em nome de quem fala (p. 137).

É no intuito de contribuir com tais reflexões que buscamos pela conciliação da aplicação de um circuito existente a uma dimensão autoral no processo investigativo, pois os protocolos consensuados pela pesquisa científica podem não dar conta de responder aos objetivos propostos na pesquisa antirracista. Ao buscar ampliar as acepções de alguns termos do que Schütze propõe na etapa anterior à coleta dos dados empíricos, ou seja, antes da narração central, instigamo-nos à construção de um percurso metodológico autoral, em acordo com os objetivos da pesquisa e as demandas próprias de cada objeto, mas sobretudo baseado nos protocolos analíticos já desenvolvidos e validados pela academia na análise da cultura.

Construímos a abordagem dessa forma ancoradas em D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly (2011) para quem “a pesquisa narrativa carrega muito mais um senso de busca, de um ‘re-buscar’ ou um buscar novamente. A pesquisa narrativa relaciona-se mais com o senso de reformulação contínua em nossa investigação e isso está muito além de tentar apenas definir um problema e uma solução” (p. 169). Desse modo, observamos que Schütze defende que no momento da entrevista propriamente dita, deve-se deixar o entrevistado contar sua história a partir da formulação de uma “*questão central*”, também chamada de “*questão narrativa orientada autobiograficamente*”. Para tanto ele define que

...a **questão central** deve fazer parte da experiência do entrevistado e possuir relevância social, pessoal ou comunitária; ser ampla, para permitir ao narrador desenvolver uma história longa, com situações iniciais, e percorrer o passado até chegar à atual circunstância; e evitar formulações indexadas, as quais se caracterizam como perguntas sobre quem faz o que, quando, onde e o motivo. (p. 18).

Segundo o autor, neste momento, o pesquisador precisa mostrar-se atento, expor interesse não verbal ou para-linguístico e formular as “*perguntas imanes*” para quando o entrevistado fizer a “*coda narrativa*”, ou seja, uma pausa longa. Ao explicar o método de Schütze, Moura e Nacarato (2017), nos dizem

No momento em que os entrevistados dizem “é isso”, “foi assim que tudo aconteceu”, “e foi assim”, “pois é...”, “que mais quer saber”, ou fazem uma pausa longa, ou seja, quando dão a **coda narrativa**, o entrevistador entra com as **perguntas imanes**. Esse é o momento em que a escuta atenta do entrevistador produz seus frutos. (p. 19).

Destaquemos que na EN, ao incentivar a fala pelo depoente, o entrevistador não deve focar na veracidade daquilo que é dito pelo narrador, mas no que foi lembrado pela pessoa entrevistada, no que ela escolheu dizer quando nos forneceu a entrevista, como articula a construção da história da sua vida, expondo subjetividades. Partindo da premissa de que a simples aplicação de um circuito existente em um trabalho biográfico, muitas vezes, não dá conta de responder ao rol dos objetivos propostos na pesquisa, friccionamos alguns aspectos do que Schütze propõe como procedimento para a etapa anterior à coleta dos dados empíricos, buscando ampliar os sentidos atribuídos pelo autor às expressões “*questão central*”, “*perguntas imanes*” e “*coda narrativa*”.

A “QUESTÃO CENTRAL” E O “ESQUEMA AUTOGERADOR”

Ainda que como pesquisadora-autora dos estudos aqui compartilhados, além de conhecer com intimidade o universo da pesquisa, tenha cultivado franca aproximação com as sujeitas pesquisadas em período muito anterior à coleta dos dados empíricos, certamente tais entrevistas não teriam sido exitosas se fosse aplicada às baianas de acarajé entrevistadas uma única “*questão central*”, suficientemente ampla e relevante, que fizesse com que a narração seguisse um esquema autogerador, como propõe Schütze. Pensamos que este é um ponto do Protocolo que comprime excessivamente as interrogantes da pesquisa frente à complexidade da experiência.

Nesse sentido, ao acessar relatos de experiência de sujeitos situados em grupos subalternizados, é produtivo ao pesquisador se estimular a uma percepção analítica minuciosa e radical a respeito dos efeitos da memória colonial no racismo cotidiano e na crítica aos produtos e dispositivos da indústria cultural. bell hooks (1989) ao tratar da urgência de se caminhar do silêncio para a fala, nos diz que o silêncio surge como uma estratégia de sobrevivência, pois muitos indivíduos de grupos oprimidos aprendem a reprimir ideias, especialmente aquelas consideradas opositoras.

Devemos ainda considerar que as sujeitas da pesquisa demonstraram possuir diferentes modos de articulação do pensamento por meio das falas, aspecto gradualmente constatado ao longo das trocas ocorridas entre as entrevistadas no período destes estudos. Durante as entrevistas, vimos uma Dulce de perfil falante e o pensamento acelerado, que frequentemente a desvirtua do tema central da questão apresentada. Sueli demonstrou-se introspectiva e mais direta na resposta às perguntas. Rosilene, por sua vez, tem o pensamento bem articulado à fala e relacionou sua vida pessoal à estrutura da sociedade de forma bastante consciente. Percebê-las em suas singularidades é imprescindível para compreender os sentidos das “*codas narrativas*”, ou das longas pausas, bem como para desenvolver a acuidade necessária na formulação das “*perguntas imanes*”, uma vez que trata-se de mulheres negras, historicamente desestimuladas a falar publicamente sobre si.

Estas dimensões circunstanciam o fato de que, embora inspirado no Protocolo da EN de Schütze, este trabalho, em sua etapa de coleta dos dados empíricos, precisou ampliar os sentidos atribuídos às “*perguntas imanes*”, propondo, a partir destas análises, um roteiro para a condução da entrevista, modulado em esquema semiestruturado, com perguntas sequencialmente orientadas a buscar uma narração autobiográfica das personagens reconstituindo as experiências que guardassem correlação com as perguntas da pesquisa, de maneira a ser possível identificar a incidência de fenômenos singulares à cada experiência e fenômenos comuns às três mulheres, além de reconhecer possíveis recursos de enfrentamento e mudança social.

RELATO DA EXPERIÊNCIA: A POSIÇÃO DE QUEM PESQUISA

Referimo-nos à aplicação do Protocolo de Entrevista Narrativa (EN), idealizado por Fritz Schütze (2011), no contexto do desenvolvimento da pesquisa intitulada “*O que é que a baiana diz? Enunciações de identidade e memória das baianas de acarajé*” (Oliveira, 2022),

desenvolvida por esta autora no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Ao dissertar sobre s encontros ocorridos com as sujeitas da pesquisa, iniciados em 2017, esta pesquisadora (2022), tal qual D’Souza (2010), expõe reflexões que transpõem repetidamente as fronteiras das narrativas pessoais e da teoria social, na esperança de retirar das teorias e das práticas novas perspectivas, capazes de nos ajudar a entender o que está em causa na pesquisa:

“Ao me ouvirem falar sobre as intenções do que ainda seria meu projeto de pesquisa de mestrado, as amigas cineastas Jamile Coelho e Cintia Maria, me recomendaram uma visita ao acarajé de Mary, baiana, no Pelourinho, em Salvador. ‘Se você quer entrevistar uma baiana, vai nela, que gosta muito de falar’, me disseram. Assim conheci minha primeira baiana entrevistada. Dois anos mais tarde, em fevereiro de 2019, no curso das disciplinas regulamentares do mestrado, cujas aulas transcorriam entre o Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB em Cachoeira, cheguei ao tabuleiro da segunda baiana entrevistada. Conheci Sueli por meio não somente do aroma do bolinho frito ao final da tarde, como também por meio das canções de Djavan que ela entoava através do sax. Naquele mesmo ano, durante o Seminário das Baianas de Acarajé realizado em Salvador, no mês de novembro – do qual participei enquanto pesquisadora, em caráter de ouvinte –, eu me afetei com a intervenção espontânea de Rosilene, baiana do município de Vitória da Conquista, que além de baiana de acarajé é ialorixá, quilombola, lésbica. Rosilene corajosamente denunciava a situação de ódio religioso sob a qual viviam ela e sua família. E assim eu reconheci minha terceira entrevistada” (OLIVEIRA, 2022, p. 67).

O trecho é revelador dialética entre teoria e prática, dinâmica muito valorizada na pesquisa ativista. Comunicar ao leitor como se deram os encontros, bem como explicar o movimento para constituir uma relação de proximidade com o universo das sujeitas da pesquisa, como quem articula, em seu cotidiano, ação social e conhecimento.

Na análise da operação de aplicação do Protocolo de Entrevista Narrativa, ressalta-se o roteiro da entrevista um ponto de convergência fundamental no contexto de pesquisa narrativa, uma vez que o instrumento significa a interseção entre aquilo que a pesquisa quer interrogar e aquilo que o universo da pesquisa – no caso, narrativas orais – tem a revelar.

No curso da elaboração das interrogantes da pesquisa, esta pesquisadora buscou refletir em comunhão com autoras cujas trajetórias se voltassem a buscar os percursos pessoais de mulheres negras para a construção de uma subjetividade radical, como quem busca edificar uma linguagem comum que colabore para a consolidação de unidade política apontada para mudanças estruturais assentadas em objetivos programáticos:

“As releituras que fiz, no curso da construção do roteiro da entrevista (...) me muniram de uma percepção analítica minuciosa e radical a respeito dos efeitos da memória colonial no racismo cotidiano e na crítica aos produtos e dispositivos da indústria cultural quando se trata da experiência da mulher negra. A exemplo dessas autoras, nossa operação enseja uma virada a um só tempo teórica, analítica e metodológica, mobilizando referências para fazer surgir outros olhares a respeito das baianas, e por extensão, do ‘ser baiano’” (OLIVEIRA, 2022, pg. 70).

Destaquemos que, tal qual nos convoca D’Souza, (2010), deveremos ocupar-nos da correlação entre a teoria e a prática independentemente de essas teorias e essas práticas terem origem na universidade ou fora dela, estudando, isso sim, os modos como os contextos institucionais interferem nos grandes objetivos da ação política. Esta premissa articula-se ao que defendemos em termos de proposição metodológica voltada às narrativas orais para observação dos fenômenos sócio-culturais. Pensamos que, ao contrário de um saber científico, em crise de legitimação, os saberes narrativos são legitimantes, têm autoridade por si mesmos, uma vez que definem o que se tem direito de fazer e dizer na cultura. Esta posição leva-nos a questionar os limites institucionais da produção de conhecimento — num caso a universidade, no outro as organizações políticas — e a perguntar qual o significado que o esbatimento desses limites poderá ter para a transformação social. Em última análise, a pesquisa ativista tem a ver com esses limites e também com o modo como eles são negociados e com a finalidade dessa negociação.

Na pesquisa em questão, estão em jogo conceitos em torno de uma identidade comumente explorada em termos mercadológicos: a baianidade. Segundo D’Souza (2010), “conceitos constituem uma herança histórica e desenvolvem-se graças ao nosso envolvimento concreto em contextos sócio-espácio-temporais” (pg. 128). Na pesquisa narrativa, é imprescindível que tal envolvimento seja empreendido pelo pesquisador à medida em que se toma como fio condutor

a enunciação em sua íntegra, comprometendo-se com uma atuação historicizante e contextualizada. Neste sentido, Oliveira (2022) descreve:

“Buscamos exercitar este olhar narrativizante na análise cultural ora realizada, valorizando a propriedades comunicacionais das baianas de acarajé, ao mesmo tempo cuidando para que não restasse pretensão de ‘tradução’ ou de reescrita das suas falas – daí conservarmos a transcrição da íntegra de grande parte das entrevistas concedidas, estimulando que as pessoas leitoras desta dissertação retornem aos trechos das falas para revisarem as suas próprias reflexões (pg. 68).

Ressalte-se que as baianas de acarajé sujeitas da pesquisa foram entrevistadas no contexto da pandemia, catástrofe mundial que afetou duramente a categoria, formada por pessoas associadas a grupos de risco, com grande notificação de doenças preexistentes como pressão alta, diabetes e problemas pulmonares por conta da fumaça do azeite de dendê, caracterizando-as como um segmento de grande vulnerabilidade à COVID-19. Nesse sentido, o desenvolvimento desta pesquisa requisitou da pesquisadora um olhar mais atento a perspectiva narrativizante mencionada por Leal (2006), ou seja, este olhar precisou ser capaz de fazer emergir as formas de articulação do cotidiano, mesmo estando tal cotidiano suspenso em função da pandemia; bem como apreender a dinâmica destas relações, ainda que subtraídos componentes não verbais emblemáticos na composição deste grande “texto” que é a baiana de acarajé, sobretudo quando em performance no exercício do seu ofício. Refiro-me a ausência das indumentárias, do tabuleiro, do freguês, e de todas as dinâmicas casuais que são circunstanciadas no espaço urbano.

Em realidade, as intercorrências do espaço urbano habitado pelas sujeitas da pesquisa foram observáveis anos antes, desde 2017, quando realizei a primeira entrevista com a baiana de acarajé com tabuleiro situado no Pelourinho, em Salvador, como uma espécie de pré-teste. Na ocasião, transcorrida no próprio tabuleiro durante o atendimento, os ruídos da cidade prejudicaram significativamente a posterior escuta da entrevista, que foi gravada utilizando o aparelho telefônico pessoal da pesquisadora. Naquela ocasião, o roteiro elaborado tinha 20 itens, o que me gerou um material de quase duas horas de gravação.

Três anos mais tarde, em 2021, após a fase de qualificação e já na fase preparatória para a realização das entrevistas como etapa da incursão em campo da pesquisa, retomei esta experiência para promover duas qualificações muito importantes para os resultados da pesquisa: o investimento na captação de áudio e vídeo por profissional qualificado – o que me resultou

em uma transcrição fidedigna das enunciações e das emoções a elas vinculadas –, bem como optar pela criação de um ambiente intimista e silencioso para a realização das entrevistas. Também em razão da experiência do pré-teste, o roteiro da entrevista foi reduzido para 12 questões norteadoras, organizadas em torno dos eixos de investigação da pesquisa. As entrevistas foram realizadas na sede da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), localizada no Pelourinho, na cidade de Salvador; no Centro de Humanidades, Artes e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB), localizado em Cachoeira; e no terreiro *Ilé Asé Alaketu Omí Ógbá*, no bairro da Vila América, no município de Vitória da Conquista.

MÉTODO COMO LUGAR DO ENCONTRO ENTRE O ATIVISMO E A PESQUISA

Este artigo foi pensado para que educadores, alunos, investigadores e ativistas situados no campo pós-estruturalista, pesquisadores de narrativas do cotidiano de indivíduos minorizados no contexto dos países da América Latina (Martin-Barbero, 2009), reunidos em torno de um esforço intelectual que aponte para uma revisão crítica do impacto do racismo na Comunicação, conheçam uma experiência crítica na aplicação do Protocolo de Entrevista Narrativa (Schütze, 2011), assumida como caminho metodológico para a obtenção de dados empíricos no subsídio à análise cultural na Pesquisa em Comunicação.

Explicitar o princípio antirracista da pesquisa nos conduz ao retorno D’Souza, (2010), com a qual concordamos que a tensão/afinidade entre ativismo e pesquisa é frequentemente apresentada como sendo um problema metodológico das ciências sociais, mas que, pelo contrário, a conformação deve ser vista como melhoramento das metodologias de pesquisa. Segundo a autora;

“Para que a boa pesquisa enforme a ação, há que traduzi-la em objetivos programáticos, a fim de que seja praxiologicamente relevante. A praxiologia pode, assim, ser vista como um outro tipo de conhecimento, um outro patamar entre a pesquisa e a ação, em que a pesquisa é convertida em objetivos programáticos, o conhecimento adquire um caráter instrumental, e o ativismo assume inovações organizacionais propiciadoras das convergências do eu social necessárias à transformação do mundo” (p. 142).

Propomos, por fim, que articulada aos princípios da pesquisa ativista, a Entrevista Narrativa torna-se um valioso procedimento para a assimilação do lugar de criação do receptor,

para o desvelamento das complexidades das experiências dos sujeitos da pesquisa, compreendendo as dinâmicas que expressam simultaneidade das opressões, percebendo em seus depoimentos as vias do silêncio, do não dito e da intersubjetividade do discurso que evidencia a presença de sistemas de valores. Com astúcia, o pesquisador antirracista encontrará um Protocolo de Entrevista Narrativa (EN) que pode também lhe auxiliar na qualificação do seu próprio pensamento narrativo, no seu próprio esforço de análise cultural, bem como no seu entendimento aprofundado sobre os sentidos da experiência, trazendo a narrativa como posição estratégica. O esforço vale à pena à medida em que acreditamos que as histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os recém pesquisadores em suas comunidades.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. **Escravos e o mundo da comunicação**: oralidade, leitura e escrita no século XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: MauadX, 2016.
- CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. / . Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COIRO MORAES, A. L. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, p. 28-36, janeiro-junho/2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- DEI, George J. Sefa; JOHAL, Duerpreet Singh (org). **Metodologias de investigação anti-racistas**: questões críticas. Portugal: Edições pedago: 2008.
- D'SOUZA, Radha. As prisões do conhecimento: pesquisa ativista e revolução na era da globalização". In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 145-171.
- hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo, Elefante, 2019.
- hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: Vera França; César Guimarães. (Org.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006. p. 19-27.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. As formas mestiças da mídia. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 163, set. 2009. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em: 22 jul 2024.

MOURA, Jónata Ferreira de; NACARATO, Adair Mendes. A Entrevista Narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 24, n. 1, p. 15–30, Abr/2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/17580>. Acesso em: 30 mai 2024.

OLIVEIRA, Renata Dias. **O que é que a baiana diz: Enunciações de identidade e memória das baianas de acarajé**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mídias e Formatos Narrativos. Cachoeira – Bahia, 2022. 142f. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Renata_Dias_Oliveira__2022.pdf. Acesso em: 22 jul 2024.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. A entrevista narrativa como instrumento na investigação dos fenômenos sociais na linguística aplicada. **Revista The Specialist**. Vol. 39, n. 3 (2018). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/34195>. Acesso em 15 de fev. 2022.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.